

EDUCAÇÃO E TRABALHO: COMO A ESCOLA TRABALHA A QUESTÃO DO TRABALHO

*Edna Mariana Machado Silva**

Com a pena ou com o malho
Mostra de quanto és capaz;
Pois na guerra do trabalho
É que o homem encontra a paz!
(Aparício Fernandes)

1- INTRODUÇÃO

A preocupação com a questão do trabalho inserida no campo educacional está sempre presente nas minhas reflexões.

A escola é tida como uma instituição fundamental, que prepara o indivíduo para a vida, para o trabalho, para a socialização, etc.

A prática pedagógica é percebida pelo aluno como uma atividade teórica que vai fornecer o conhecimento de que futuramente ele vai precisar para conseguir um bom emprego, para ser "alguém na vida".

O trabalho sempre foi tido como uma necessidade que o homem tem, traduzida no sentido de:

- necessidade;
- acúmulo de riqueza;
- libertação.

A escola sempre trabalhou procurando garantir essa ideologia, fazendo com que os alunos procurem-na como algo necessário para atingir o mundo do trabalho, aquele mundo fantástico que pode transformar suas vidas dando-lhes um "lugar ao sol", graças à educação, à preparação recebida na escola. Aí podemos questionar:

a) Será que a educação dos trabalhadores se dá apenas na escola? No próprio processo de trabalho, quando se organiza enquanto classe, quando luta por seus direitos, elege seus líderes, o trabalhador não está desenvolvendo ações educativas?

b) A escola apenas prepara para o trabalho? Enquanto o aluno se "prepara" para o trabalho, adquirindo conhecimentos, recebendo informações, ele está passivo, nada fazendo com essas informações, com os dados de que

* Professora do Departamento de Princípios e Organização da Prática Pedagógica da Universidade Federal de Uberlândia.

dispõe? Nada descobre, nada cria, nem elabora conceitos, enquanto ser pensante com capacidade de ação?

2 - PONTOS BÁSICOS

- A escola percebe o trabalho como algo que acontece fora dela e para o bom desempenho do qual ela dá suportes teóricos.

- O aluno já tem uma experiência de trabalho antes de ir para a escola, ou enquanto está nela (pais e parentes que trabalham e até ele próprio), e a escola não aproveita isso.

- Os conteúdos teóricos não são percebidos pelo aluno como significativos para sua vida de trabalho.

- Há uma separação entre trabalho intelectual e trabalho manual, teoria e prática (pensar e fazer)

- A escola não é o único lugar onde se dá a educação; "o trabalho é o princípio educativo".¹

- O próprio estudo deve ser percebido pelo aluno e também pelo professor como um trabalho.

3 - REFLETINDO

Ao ingressar na escola, o aluno não está começando do zero, ele já tem uma certa socialização, conhecimento ao nível do senso comum, interação com a realidade no seu dia a dia e até mesmo experiência de trabalho (direta ou indiretamente, pelo pais). Cabe à escola aproveitar essa vivência e trabalhar no sentido de ampliá-la, objetivando formar o homem crítico, que, conhecendo, é capaz de interagir no mundo, criando, recriando, criticando, propondo e transformando a realidade.

O conhecimento, a superação do senso comum e a formação da consciência crítica se dão na e pela práxis. Práxis que resulta da unidade dialética entre a teoria e a prática, pensar e agir.² Portanto, o conhecimento acontece concretamente, pela ação do homem. Neste sentido, a escola prepara o aluno para o trabalho, levando-o a lidar com os dados que lhe são passados, analisando, interpretando, questionando a realidade, construindo, elaborando conceitos, produzindo algo a partir de sua experiência ativa, enfim, trabalhando o conhecimento, fazendo a ligação teoria-prática desde já, no agora e não numa perspectiva futura.

1. NOSELLA, Paolo. "Trabalho e Educação" In: Gomes, 1987, p. 29.

2. FRIGOTTO, Gaudêncio. "Trabalho, Conhecimento, Consciência e Educação do trabalhador". In: Gomes, op. cit., p. 19.

Quando o aluno, a partir do conhecimento que tem, produz uma poesia, um texto, um objeto de arte, de uso e tantas coisas enfim, ele está trabalhando, ainda que não seja trabalho produtivo economicamente, mas houve uma teoria, uma intenção de fazer (resultado ideal), houve a prática (a operação, a ação) e o produto (resultado real). Isso é trabalho e o aluno deve ter consciência disso, pois assim ele vai despertando para a construção do conhecimento e conseqüentemente para a apropriação do saber. Isso também é consciência crítica, que seguramente levará a atitudes transformadoras, à práxis humana.

Talvez seja oportuno abordar a questão da práxis, que muitos confundem com uma prática qualquer. Toda práxis é a atividade, mas nem toda atividade é práxis.³ Uma teoria se torna prática somente quando possibilita uma transformação, ou seja, algo que existia idealmente passa a ser real por uma mediação materializada, segundo uma determinada finalidade. Isso é práxis. Portanto, uma atividade teórica puramente não é práxis, também não há uma atividade puramente prática, sem embasamento teórico, o que nos leva a deduzir que não há teoria sem prática, nem prática sem teoria. Elas estão intimamente ligadas, explicam-se e/ou se completam.

Esse desenvolvimento da consciência crítica se efetiva principalmente através de práticas pedagógicas significativas, condizentes com a realidade do aluno, com o seu contexto de vida, com o mundo do trabalho. Portanto, mesmo "preparando para o trabalho", a escola pode trabalhar muito bem a questão do trabalho.

A forma de trabalhar essa **preparação para o trabalho** (mencionada na Lei 7044/82 em modificação do art. 1º da Lei 5692/71, que objetivava a **qualificação para o trabalho**), deve surgir de uma reflexão conjunta e de uma ação concreta e integrada de todo o pessoal da escola. O trabalho deve perpassar todo o currículo. Todas as situações vividas na escola, nas diversas disciplinas podem ser aproveitadas para explorar o trabalho.

A CENP (Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas) da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, através de trabalho de Nabuco Kawashita, sugere ações diante dessa nova visão de trabalho:

1) GARANTIA DE ACESSO AO CONHECIMENTO

O conhecimento científico leva a uma visão crítica do mundo e isto é condição para uma ação transformadora. Alguns pontos devem ser considerados na organização e transmissão do conhecimento:

3. VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia da práxis*, p. 185.

1.1) Seleção de conteúdos significativos.

Devem-se selecionar os conteúdos indispensáveis para a compreensão da evolução do conhecimento.

1.2) Preocupação com a visão de totalidade.

O aluno deve perceber que cada novo conhecimento adquirido faz parte de um todo coerente. Cada fenômeno estudado deve ser compreendido em suas inter-relações com os demais. É preciso que as disciplinas se integrem.

1.3) O trabalho como conteúdo.

O trabalho não é apenas fonte de conhecimento, mas também objeto de conhecimento. Tratar o trabalho corretamente significa estudá-lo em sua historicidade.

1.4) A recuperação do sentido de trabalho nas atividades de estudo.

É necessário deixar evidente para o aluno a questão da criação e recriação da cultura e da transmissão do acervo cultural. Essa transmissão é feita através do conhecimento sistematizado.

1.5) A apropriação do método científico pelo aluno.

O aluno deve apropriar-se tanto do conceito quanto do método científico. Para isso é necessária uma organização que torne essa apropriação gradual e sistemática, adequada às características da faixa etária e à fase de desenvolvimento do aluno.

2) REFLEXÃO SOBRE A DICOTOMIA: PENSAR E FAZER

Ainda que não seja possível a superação total dessa dicotomia, alguns passos podem ser dados na escola para atenuar ou superar em um grau bastante elevado esse problema.

2.1.) Participação do aluno no processo ensino-aprendizagem.

Essa participação deve ocorrer pela adoção de uma metodologia de ensino calcada nos conteúdos e métodos da ciência e pela possibilidade de atuação na vida escolar.

A prática participativa desenvolvida na escola refletir-se-á no mundo do

trabalho, dando ao aluno elementos para enfrentar e exigir sua participação nas decisões coletivas que o afetam ou afetarão.

2.2.) Consideração das experiências do aluno na organização da transmissão do conhecimento.

A necessidade de partir de experiências dos alunos para facilitar a aprendizagem é hoje consenso entre os educadores. As dimensões e implicações do mundo do trabalho devem ser entendidas como fruto de condições históricas, para que aqueles tenham condições de participar mais efetivamente desse mundo.

3) A QUESTÃO DAS ATIVIDADES PRÁTICAS

As atividades práticas devem ser de modo a também superar a dicotomia entre a teoria e a prática, não priorizando a especialização e o treinamento em detrimento do conhecimento sistematizado e da educação integral.

Conhecimento e trabalho estão presentes na escola, e sua fragmentação deve ser evitada, para que seja garantida a visão de totalidade, que leva ao conhecimento da realidade, condição indispensável para a sua transformação.

4 - CONCLUSÃO

Sendo a escola um dos lugares onde se dá a educação e objetivando ela a formação do homem numa perspectiva crítica, preparando-o para o trabalho, deve considerar a vivência do aluno antes e durante o processo de educação formal e também informal, desenvolvendo as atividades pedagógicas tendo como ponto de partida e de chegada o mundo do trabalhador, alertando-se para o fato de que a reflexão contemporânea sobre a relação trabalho e educação, para não se tornar uma monótona e aviltante repetição da velha filosofia da educação que encerra o trabalhador como mercadoria, necessariamente precisará eleger como referencial básico a nova concepção de trabalho que a história desses dois últimos séculos pôs em tela, isto é, trabalho como **polémsis**.⁴ Portanto, a luta deve orientar-se no sentido de reduzir as atividades do reino das necessidades e ampliar as atividades do reino da liberdade, que se dá principalmente pela apropriação do saber.

Por tudo que foi exposto, considero importante lembrar que "a atividade teórica - como ideologia e ciência - só existe por e em relação com a prática".⁵ E que "tudo que a história nos mostra é produto da atividade do homem".⁶

4. NOSELLA, Paolo. "Trabalho e Educação". In: Gomes, op. cit, p. 37.

5. VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia da Práxis*, p. 202.

6. *Ibidem*, p. 328.

Cada um receberá o seu galardão,
Segundo o seu próprio trabalho.
(1 Cor 3,8)

5 - BIBLIOGRAFIA

GOMEZ, Carlos Minayo & outros. *Trabalho e conhecimento: Dilemas na educação do trabalhador*. São Paulo, Cortez, 1987.

KAWASHITA, Nobuko. *Preparação para o trabalho: Os primeiros passos de um longo caminho*. São Paulo. Secretaria de Estado da Educação: Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. São Paulo, s/d.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia da Práxis*. Trad. Luís Fernando Cardoso. 2 ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. 454p.